



“Sempre quis aprender mais para servir melhor os doentes”

Natural de Águeda, o Prof. Levi Guerra, de 93 anos, é um nome emblemático da Nefrologia e da Medicina em Portugal. Fundador dos Serviços de Nefrologia do Hospital de Santo António (HSA) e do Hospital de São João (HSJ), é professor catedrático jubilado da Faculdade de Medicina da Universidade do Porto e, em 2013, foi distinguido com o Prémio Nacional de Saúde. Além de uma carreira médica e científica de excelência, é também um artista consagrado, com vasta obra na pintura e alguns livros publicados. Na sua casa, em Vila Nova de Gaia, recebeu os repórteres da *SPN News* para recordar uma vida profissional muito preenchida ao longo de décadas, mas também para refletir sobre o presente e o futuro da Medicina.

Pedro Bastos Reis Rui Santos Jorge

// Como é que a Nefrologia surgiu na sua vida?

Num dia de primavera de 1959, eu estava no Serviço de Urgência do HSA e entrou uma doente com insuficiência renal aguda causada por um aborto, que acabou por falecer, apesar de todos os esforços, porque não havia rim artificial. Esse caso marcou-me muito e acabou por influenciar a minha opção pela Nefrologia. Depois, o meu diretor da altura, Dr. João de Mello Soares, apoiou a minha ida para França, onde, entre 1960 e 1961, realizei um estágio na área da reanimação médica, com enfoque nos rins. Em 1967, estive nos Estados Unidos da América [EUA] e, quando regressei, iniciou-se uma nova fase na Nefrologia do HSA, depois de conseguirmos que um doente que tinha iniciado hemodiálise em Paris oferecesse um rim artificial ao HSA. Em janeiro de 1968, iniciámos o programa de hemodiálise para doentes crónicos.

// Que recordações guarda dos primeiros tempos da Nefrologia no Hospital de Santo António?

As melhores! No início, fomos muito apoiados pelo Dr. João de Mello Soares. Constituiu-se uma equipa médica e de enfermagem muito competente, com a Dr.ª Eva Xavier e o Dr. Serafim Guimarães. Várias circunstâncias tornaram o início do programa das hemodíálises iterativas um tempo de grandes riscos e grande esforço de todos. Estávamos em janeiro de 1968. Em 1972, fui mobilizado para a guerra do Ultramar, mas ficou tudo preparado e submetido à aprovação superior para a oficialização do Serviço de Nefrologia do HSA. O próprio hospital teve de fazer algumas obras que nem sempre foram fáceis de implementar. Mas conseguiu-se ter êxito.

// Mais tarde, mudou-se para o Hospital de São João...

Sim, em 1985. Antes disso, estive quatro anos nos EUA, de onde regressei em 1979. Pedi a reentrada na carreira hospitalar, porque pretendia ir para o HSJ,

e tive de fazer a agregação para integrar o Grupo das Medicinas na Faculdade de Medicina da Universidade do Porto. Não havia vaga no HSJ, pelo que fui reintegrado na carreira hospitalar no HSA, após concurso para chefe de serviço. Mais tarde, foi criado um lugar de chefe de serviço no HSJ e deu-se a minha transferência para lá, integrando o Serviço de Medicina 1, que era dirigido pelo Prof. Fernando Cerqueira Magro e tinha Unidade de Nefrologia. Quatro anos depois, aceitei o convite para ser diretor do Hospital de São João.

// O que o levou a aceitar o desafio de dirigir o HSJ?

Foi uma decisão tomada com espírito de missão, tendo em conta a minha experiência hospitalar e os conhecimentos adquiridos em França e nos EUA. Com o apoio da Dr.ª Leonor Beleza, na altura ministra da Saúde, constituí uma equipa extraordinária. Como era publicamente conhecido, o HSJ estava numa situação de grave crise financeira, com dívidas enormes e grande indisciplina. Foram três anos (1989 a 1991) de trabalho intenso, destacando-se a recuperação financeira e a construção de um novo edifício para as consultas externas, que foi projetado para 10 anos, com a devida dimensão, mas que já dura há mais de 40 anos! Isto representou uma grande viragem na vida do HSJ, pois, até então, realizavam-se todas as consultas externas dentro do edifício principal do hospital.

// Quando regressou à Nefrologia?

Na direção do hospital, estive sempre em exclusividade de funções e tive a prudência e o cuidado ético de não preparar qualquer cargo para mim. Depois, a direção que sucedeu àquela a que eu presidi propôs-me criar o Serviço de Nefrologia do HSJ, independente e autónomo, o que aceitei, dirigindo-o entre 1993 e 2000. Foi um período extraordinário, com forte aposta na internacionalização, que foi conseguida.

// Depois de sair do HSJ, em 2000, que desafios se seguiram?

Paralelamente, sempre pratiquei clínica livre e, com distintos colegas, construí sete centros de hemodiálise no norte do país e em Águeda, a minha terra-natal, do qual fui diretor clínico desde a sua inauguração, em 2006, até 2012.

// Olha para o seu percurso profissional com sentimento de dever cumprido?

Com certeza que sim! Sempre quis aprender mais para servir melhor os doentes. Sei que muitas pessoas nunca entenderam bem a minha trajetória, com períodos no estrangeiro, sempre em busca de ir mais longe e conseguir fazer melhor, sem atropelar ninguém. Esses períodos nunca foram fáceis. A minha ascensão na carreira docente na Faculdade de Medicina da Universidade do Porto e na carreira hospitalar no HSA foi através de concursos públicos; nunca tive nomeações por favores de ninguém. E assim devia continuar a ser nas carreiras hospitalares, entretanto terminadas!

// Como avalia a evolução da Nefrologia portuguesa até aos dias de hoje?

Em Portugal, sempre estivemos a par dos grandes desenvolvimentos da Nefrologia. Quer na hemodiálise quer na transplantação renal, estamos entre os melhores do mundo. Contudo, apesar do plano extraordinário em que estamos, deveria haver, à semelhança do que acontece nos EUA, uma classificação dos hospitais e das clínicas privadas de hemodiálise. Paralelamente, deveria ser realizada uma inspeção rigorosa e regular dessas clínicas privadas, porque há razões para isso.

// Como perspetiva o papel dos médicos no Serviço Nacional de Saúde (SNS)?

O SNS é absolutamente essencial e estruturante em Portugal. Os nossos grandes hospitais, onde também funcionam as universidades, estão ligados ao SNS. É aí que devem estar os médicos competentes, que também devem poder participar na atividade docente, que é importantíssima. No meu tempo, era frequente a necessidade de voltar ao hospital “fora de horas” para acompanhar doentes e avaliar as medidas médicas em curso. Essa vivência de doação é fundamental;

há que ser fiel ao Juramento de Hipócrates feito no fim do curso. O tempo passado nas faculdades de Medicina é importantíssimo e penso que o grande papel dos professores de Medicina, além de fornecerem informação aos alunos, é dar-lhes uma formação comportamental, mostrando como se deve dirigir ao doente, como o interrogar e tratar com humanidade.

// A seu ver, qual é o perfil de um bom médico?

Só deve ir para Medicina quem tiver vocação e o objetivo de salvar e aliviar pessoas doentes. Paralelamente a isso, quem tiver, por educação e aprendizagem, um trato cavalheiresco de afabilidade e de atenção ao próximo. Naturalmente que a primeira exigência é que o médico seja competente.

// Manteve atividade clínica até 2020, quando completou 90 anos.

Foi difícil deixar de exercer Medicina?

Aos 90 anos, continuava a ir ao consultório privado, mas entendi que era altura de parar com a atividade clínica. Estava há 20 anos reformado! Felizmente, tinha outras perspetivas e atividades a que me dedicar, pelo que não me custou.

// Atualmente, como ocupa os seus dias?

Continuo a pintar, mas com menor frequência. Recentemente, comecei a dedicar-me ao estudo e à escrita sobre a História de Portugal, passando mais concretamente pela história da monarquia. Conhecer a nossa história permite-nos entender melhor o Portugal que somos. O que estou a fazer representa também uma reação contra o esquecimento. Estou a escrever em verso, o que, simultaneamente, é uma ousadia e um desafio, mas empolga-me particularmente. Além disso, uma vez por semana, dedico-me à escultura em cerâmica, uma arte nova para mim. //



Vídeos da entrevista e mais fotografias do encontro com o Prof. Levi Guerra em sua casa

Um homem das artes



Além de um notável percurso na Medicina e da carreira universitária, Levi Guerra é conhecido pelo seu talento em diversas expressões artísticas. Na pintura, os seus quadros já deram origem a mais de 40 exposições, tendo atualmente obras expostas em locais como o Museu Pio XII, em Braga, o Museu de São Pedro de Rates ou a Casa da Cultura Mestre José Rodrigues, em Alfândega da Fé.

Recentemente, o nefrologista descobriu também o talento pela escultura em cerâmica, à qual se dedica uma vez por semana, na Árvore – Cooperativa de Atividades Artísticas, no Porto.



Levi Guerra tem também alguns livros publicados, dos quais destaca *Como a Vida me Percorreu* (editora By the Book), no qual relata, em verso, o seu percurso de vida; e o livro pedagógico *O Rim Artificial: Uma História de Afetos* (editora Letras & Coisas), em coautoria com a escritora Margarida Negrais, para o qual colaborou, sobretudo, com o fornecimento de dados técnicos. Este livro foi ilustrado pelo pintor José Emídio.